



Cavaleiros, Dragões e Outras Coisas Mais.

TULIO FERNEDA

Cavaleiros,
Dragões
e Outras Coisas Mais

Tulio Ferneda

Ferneda, Tulio

Cavaleiros, Dragões e Outras Coisas Mais / Tulio Ferneda.
Bragança Paulista: edição do autor, 2023.

ISBN: 978-65-00-63200-2

1. Literatura infantojuvenil. 2 Aventura. 3 Fantasia.

I. Título

CDD-028-5

Bibliotecária responsável: Samanta do Prado CRB/8 SP-010477/O

Licença de uso

Todo o conteúdo desta obra pode ser utilizado sob a licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Você deve dar crédito ao autor original.

Você não pode usar o material para fins comerciais.

Você não pode alterar, transformar ou criar a partir da obra original.



Sumário

Um Cavaleiro e seu Escudeiro.....	7
A Floresta Sombria	10
A Torre Mais Sombria Ainda	16
A Montanha do Dragão	24
O Vilarejo do Reino	33
Homem-Lagarto e Anão.....	38
O Mago da Cabana	41
A Terra do Gelo.....	45
O Cristal de Elinor	51
O Fim do Feitiço	57
O Covil do Duende.....	66
Honras e Méritos	74

Um Cavaleiro e seu Escudeiro

Era uma vez um cavaleiro, alto e forte, com armadura de prata, chamado Lorde Tobias de Brumas Valentes. Sim, seu nome era longo e pomposo, muito bom para um cavaleiro.

Seu melhor amigo era um jovem camponês, magro e de pernas finas, chamado William. Isso mesmo, um nome curto e comum naqueles tempos, adequado para um camponês.

Mas como um cavaleiro ficou amigo de um camponês? Bom, isso aconteceu no dia em que William salvou a vida de Tobias.

Foi um acidente. Tobias passava pelos campos de trigo com seu cavalo, quando um rato do campo assustou o animal.

O cavalo empinou de susto e galopou a toda velocidade. Tobias caiu perto de uma árvore.

— Mas que cavalo medroso... Tem medo até de um ratinho! — Disse William.

Tobias ficou bravo, sacou a espada e disse:

— Pois venha cá que eu te mostro quem é medroso, camponês abusado!

Sem perceber, Tobias estava perto de um cacho de abelhas e bateu com a espada, fazendo o cacho cair. As abelhas saíram voando enfurecidas atrás do cavaleiro. Ele ficou branco de medo e correu mais rápido que um alce fugindo de um leão.

Tobias estava sem armadura naquele dia e foi picado pelas abelhas. O coitado era alérgico e ficou até com a ponta do nariz inchada.

Mas William salvou a vida dele, pois conhecia um remédio feito com ervas do campo.

— Muito obrigado. Qual é o seu nome, rapaz?

— Meu nome é William, senhor.

— William, você salvou minha vida. Preciso de um homem como você ao meu lado, em minhas aventuras. Não gostaria de ser meu escudeiro?

— Eu aceito. E como seu escudeiro, posso dar um conselho?

— Mas é claro!

— Quando chegar perto de abelhas, senhor, use sua armadura.

E assim os dois deram uma boa risada. Naquele dia, uma grande amizade começou.

A Floresta Sombria

— Meu caro William, qual deve ser nossa primeira aventura? — Perguntou Tobias, querendo saber a opinião do seu mais novo escudeiro.

— Bom, acho que todo cavaleiro deve passar por uma floresta sombria, senhor.

— Uma floresta sombria? Tem certeza?

— Claro. Um cavaleiro deve provar sua coragem, passando pelos lugares mais assustadores do mundo.

— É necessário mesmo? Não podemos passar pelos campos verdejantes?

— Lamento, a floresta sombria é um desafio obrigatório. O senhor mesmo deveria saber disso. Desse modo, todos verão sua coragem.

— Tem razão... Todos verão minha coragem que eu tenho de sobra! — Disse Tobias, empunhando a espada.

— E eu estarei ao seu lado, senhor. — Disse o escudeiro.

— Sim, você estará, William. E saiba que eu iria sozinho até a mais sombria das florestas, sem hesitar. Mas como você é meu escudeiro, devo permitir que esteja sempre ao meu lado.

— Mas é claro, senhor. Por isso, sou grato.

E assim, Lorde Tobias e seu fiel escudeiro, William, foram à floresta sombria.

O local tinha muitas árvores altas e escuras, que não deixavam a luz do sol entrar. Os caminhos eram tortuosos, no meio daquela escuridão. E dali se ouvia o rastejar de criaturas misteriosas, escondidas nas sombras, e o som das corujas no alto dos troncos.

Lorde Tobias ia montado em seu cavalo branco, Léguas, avançando lentamente, enquanto William caminhava ao seu lado.

— É disso que eu falava, mestre! Quando todos souberem que passou por aqui, você terá fama e glória. Não está feliz?

— Muito... Muito feliz, caro William... — Disse Tobias, gaguejando e trêmulo dos pés à cabeça.

— Está com frio, meu senhor?

— Não, não tenho frio. Por que a pergunta, William?

— O senhor está tremendo tanto, até parece que estamos numa nevasca.

— Mas é claro, é isso mesmo... Agora que você falou, sinto que estou com frio... Como deixou que eu saísse numa aventura sem uma roupa mais quente?

— Me perdoe, senhor. Isso não se repetirá.

Por um momento, William acreditou que seu mestre estava mesmo com frio. Mas quando ouviram o arrepiante uivo de um lobo, o cavaleiro ficou tão branco que desmaiou na mesma hora e caiu do cavalo.

William não esperava por aquilo. Nem mesmo o cavalo, que tinha medo de ratos, se assustou com o lobo, mas Lorde Tobias caiu durinho feito pedra.

— Senhor, você está bem? Acorde, mestre.

Mas não adiantava. William deu até uns tabefes no rosto do mestre, para ver se ele acordava, mas nada aconteceu. O homem estava em sono profundo.

— Isso é muito embaraçoso, Léguas. Temos que admitir a verdade: nosso mestre é um covarde.

O cavalo encarou William com um olhar sério, como se já soubesse da covardia do seu dono.

— Mas não se preocupe, Léguas. Não vou contar a ninguém.

E então, William fez o que todo bom escudeiro teria feito: colocou o mestre deitado no cavalo, com a barriga para baixo, as pernas de um lado e os braços do outro. E terminou de atravessar a floresta, puxando Léguas pelas rédeas.

A Torre Mais Sombria Ainda

Quando Tobias acordou, viu que estava deitado na grama. Léguas estava ali perto, comendo um pouco de capim. E William logo apareceu:

— Que bom que acordou, mestre.

— Onde estamos, William? O que aconteceu?

— Aconteceu que o senhor atravessou a floresta.

— Atravessei?

— Oh, sim. Foi uma travessia das mais lendárias. Os bardos contarão essa história nas tavernas do reino.

— Então eu fui corajoso?

— Meu senhor, não se lembra de nada? Pois não conheço homem com o mesmo nível de coragem que o senhor!

Tobias estava confuso. Ele não podia admitir ao seu escudeiro que não se lembrava de nada. Então se levantou e disse:

— Pois bem, agora estou me lembrando. Foi uma longa jornada, uma floresta arrepiante. Poucos homens teriam conseguido, mas nós vencemos o medo. E você sempre ao meu lado, William. Deve estar aliviado agora.

— Sim, estou aliviado... A floresta ficou para trás...

— Ainda bem, não é? Mas diga-me, William, onde estamos agora?

— Na torre mal-assombrada.

— Mal-assombrada?! — Perguntou Tobias, engolindo em seco.

— Sim, senhor. Dê uma olhada, ela está logo ali na frente. É a torre mais sombria de todo o reino. Dizem que um fantasma mora ali e espanta os visitantes. Será ótima para sua fama de cavaleiro.

E então, finalmente Tobias viu a torre. Era uma construção antiga, não muito alta, mas feita de pedras escuras em ruínas, cheias de musgo, perdida no meio de um pântano. Uma névoa branca e o som dos corvos deixavam o local ainda mais assustador.

O cavaleiro ficou branco de medo e começou a suar frio.

— Não se preocupe, mestre. Essas histórias de fantasmas devem ser apenas lendas. Você não acredita nelas, não é?

— É claro que não. Um nobre como eu sabe muito bem que fantasmas não existem...

— Então o senhor vai subir?

— Subir? Você diz, no alto da torre?

— Sim, lá no alto.

— É mesmo necessário? Não podemos dar a volta?

— De forma alguma, senhor. É no alto das torres que ficam os melhores tesouros! E você vai querer uma prova de que esteve aqui.

— Uma prova?

— Para mostrar ao povo. Assim todos saberão da sua bravura.

— Tem razão, William. Devo subir a torre.

William não acreditou no que viu. Lorde Tobias realmente sacou a espada e caminhou até a porta da torre. Chegando lá, ele respirou fundo, contou até três e gritou:

— Seja o que Deus quiser!

E assim o cavaleiro entrou na torre a toda velocidade, subiu correndo a escadaria e chegou ao terraço golpeando o ar com a espada. Quando viu que ali não havia ninguém, parou para respirar.

— Tudo bem aí em cima, mestre?! — Gritou William lá debaixo.

Tobias respondeu com um grito meio fraco:

— Claro... Estou bem, William... Mas se puder vir aqui comigo... Acho que me bateu aquele frio, sabe? Traga uma tocha acesa, por favor.

William acendeu uma tocha e subiu. Quando chegou ao topo, a luz da tocha iluminou o terraço, que estava em completa escuridão.

— Ah, sim. É muito melhor com você aqui, William... Digo, com o calor da tocha. Assim não passo mais frio.

— Fico feliz em ser útil. Ainda mais com esse esqueleto aí atrás.

— Esqueleto?! — Tobias paralisou de medo. Ele se virou lentamente para trás e...

— Ahhhh!!! Meus Santinhos!!!

Ali estava o esqueleto completo de um cavaleiro, ainda com uma espada presa à cintura e um elmo na cabeça.

— Não se preocupe, mestre. Ele está morto. E está sorrindo, não vê? Acho que não nos fará mal.

De fato, o esqueleto sorria, pois era possível ver todos os seus dentes.

— Menos mal, William... Assim fico mais calmo... Eu estava preocupado com a sua segurança, é claro.

— É claro, meu senhor.

Mas então, eles ouviram uma risada maligna, que ecoou e fez gelar a espinha dos dois:

— Ha, ha, ha! Pobre cavaleiro que veio à minha torre! Será capaz de me vencer num duelo?

Era o esqueleto, que ganhou vida e sacou a espada, saltando para enfrentar o cavaleiro em combate.

Tobias ficou mais branco que um fantasma e desmaiou, caindo do alto da torre. Por sorte, a torre não era muito alta e ele caiu num arbusto do pântano. O susto foi tão grande que até a espada lhe escapou das mãos lá em cima, antes da queda.

William pegou a espada do mestre e duelou com o esqueleto até derrotá-lo. No final, quem achou ali um tesouro foi o escudeiro: ele encontrou sua própria coragem, uma coragem que não conhecia até aquele momento.

A Montanha do Dragão

Depois do episódio da torre, William ficou com a espada de bronze e o elmo que eram do esqueleto. Ele ainda não tinha um escudo e uma armadura completa, mas pelo menos estava mais preparado para qualquer batalha.

Já Tobias amassou uma parte do elmo e quebrou uma peça da armadura com a queda que havia sofrido. Quando acordou, ele não se lembrava de nada. Viu apenas os danos em seu equipamento e deduziu que devia ter lutado bravamente com o esqueleto, salvando a vida de William.

William não quis deixar o mestre com vergonha, então só disse as seguintes palavras:

— Sim, meu senhor. A luta com o esqueleto foi mesmo uma prova de coragem. — E depois, nada mais foi dito sobre o assunto.

— E agora, William? Aonde vamos? Devo voltar ao povoado?

— Ainda não, mestre. Falta uma coisa para o senhor se tornar o mais valente cavaleiro do reino.

— E o que seria?

— Lutar com um dragão.

— Um dragão, você diz? Ouvi dizer que eles foram extintos...

— Não é verdade. Há um que mora no topo daquela montanha, bem ali. Eu mesmo já vi. Ele assusta a todos no reino. Se você espantá-lo, será um herói.

— Tem certeza que você viu um dragão, caro William? Não foi sua imaginação?

— Tenho certeza. Juro pela minha honra.

— Isso é mesmo necessário? Não é um exagero? Um esqueleto já está de bom tamanho, não acha?

— Não, senhor. Muitos cavaleiros já derrotaram esqueletos assombrados antes. Mas poucos venceram um dragão.

Como não teve jeito de fazer William mudar de ideia, Lorde Tobias concordou com o plano:

— Então, devo aceitar a missão. Vou subir a montanha e espantar aquela fera terrível, ou não me chamo Lorde Tobias de Brumas Valentes!

E assim eles subiram a montanha. O local era muito alto, com grama verde por toda a encosta. Lá de cima, podiam ver a cidade e o castelo do reino, que pareciam pequenos na planície. Um vento forte passava por eles e o pôr do sol brilhava no horizonte.

O dragão era imenso, tinha escamas verdes, dentes afiados e olhos pretos assustadores. E é claro, cuspiam fogo por todos os lados.

— Não posso olhar esta fera, William! — Disse o cavaleiro, com os olhos fechados.

— Não consegue abrir os olhos, senhor?

Tobias morria de medo de dragões. Ele não queria abrir os olhos. Mas não podia dizer a verdade:

— Não consigo. Meus olhos fecharam e não abrem mais! Deve ser algum veneno da floresta por onde passamos.

— Sim, só pode ser isso, mestre. Um veneno. E agora, o que vamos fazer?

— Bom, quando um cavaleiro não pode lutar, seu escudeiro deve assumir a tarefa.

— É claro, senhor. Estou aqui para servir. Mas já pensou se você lutasse de olhos fechados? Isso seria um feito ainda mais lendário!

— E como posso fazer isso?

— Saque a espada e siga meus comandos. Ali, à sua esquerda, ataque agora!

E então, Tobias sacou a espada e começou a golpear. Ele sentiu os golpes da espada contra uma superfície dura e ouviu os rugidos da fera. Só podia estar acertando o dragão.

— Isso mesmo, que maravilha, mestre! Você cortou o rabo do dragão! Agora, mais uma vez!

O cavaleiro travou uma longa batalha de olhos fechados, ouvindo as dicas do seu escudeiro. Ele golpeava para um lado e para o outro, ouvia o som da espada e os rugidos do dragão. Até que ouviu um bater de asas e sentiu o vento quando o dragão saiu voando.

— Acabou? Ele foi embora?

— Sim, o senhor conseguiu! O dragão foi embora assustado.

Tobias abriu os olhos. O que viu foi uma árvore com alguns cortes no tronco, bem à sua frente. E William, ao seu lado, com ferimentos e guardando a espada de cobre. O covil do dragão estava vazio.

— Seus olhos, mestre... Você está curado!

— Sim... Acho que o efeito do veneno passou...

— Fico feliz. Agora, podemos voltar ao povoado. Nossa missão aqui foi cumprida.

— William, me diga uma coisa...

— Sim, mestre?

— O que são esses cortes no tronco da árvore?

— São as marcas da batalha. Enquanto o senhor golpeava o dragão, os espinhos da fera bateram nessa árvore. Até que ele fugiu de medo.

— Entendo... Isso é realmente fascinante. — Disse Tobias, pensativo.

— Um feito notável, senhor. Será aclamado por todos no vilarejo.

— E esse ferimento no seu ombro? Como aconteceu?

— Isso? Não foi nada, mestre. Durante a sua luta com o dragão, ele soltou espinhos e um acabou me acertando. Isso acontece. É o preço que pago por estar ao lado de um grande cavaleiro.

— Oh, sinto muito por isso, meu amigo. Vamos arrumar uma armadura completa para você. Eu faço questão. — Disse Tobias.

— Pois ficarei feliz com isso, senhor!

E assim, cavaleiro e escudeiro começaram a descer a montanha, de volta ao povoado. O pôr do sol condecorava aquela grande vitória.

William estava ferido e cansado, mas feliz com o anúncio do mestre. Agora sim, ele teria um sonho realizado: uma armadura completa.

Lorde Tobias, por sua vez, estava muito satisfeito por ter derrotado um dragão. Ele nunca imaginou que um dia seria tão corajoso.

O Vilarejo do Reino

O vilarejo do reino era um lugar encantador: uma pequena vila de casas de madeira e pedra, ao redor do imponente castelo, com árvores e campos de flores por todos os lados.

Quando Tobias e William chegaram, todos já sabiam dos grandes feitos daquele cavaleiro, até então desconhecido, agora um herói. O povo os recebeu com festa, gritando:

— Viva Lorde Tobias! O cavaleiro que venceu o dragão!

— Ouvi dizer que ele cruzou espadas com o esqueleto da torre assombrada!

— Sim, ele venceu a batalha, derrubando o esqueleto do alto da torre!

— E na floresta, uma donzela desmaiou e ele a carregou em seus braços. Que homem valente!

Bom, como às vezes acontece, o povo aumenta as histórias um pouco. O escudeiro William e o cavalo Léguas eram os únicos que sabiam a verdade: que o mestre deles não tinha matado nenhum dragão (nem mesmo lutado com um), que não foi o esqueleto quem caiu do alto da torre, e que não havia donzela na floresta.

Mas William era fiel ao seu mestre e não quis fazê-lo passar vergonha. Por isso ele não disse nada. Estava feliz com aquela vida de aventuras e não queria que as coisas mudassem.

Mas nessa vida as coisas mudam, a gente querendo ou não.

No meio da festa do povo, uma figura suspeita apareceu: era um duende meio sinistro, com pele verde, o nariz pontudo e uma cara de poucos amigos. Ele vestia um manto preto e trazia um pequeno cajado nas mãos.

Quando o duende falou, todos ficaram arrepiados, pois conheciam a sua fama: era um feiticeiro muito poderoso. Com sua voz meio rouca ele disse:

— Onde está aquele que o povo clama como herói e seu fiel ajudante? — Perguntou o duende.

Todos apontaram para Tobias e William, que ficaram cara a cara com o feiticeiro.

— O que deseja, pequeno? — Disse Tobias, sem saber dos poderes daquela figura misteriosa.

— Pois bem... Você me chama de pequeno, mas não tem a grandeza da verdade. Hoje, aqui perante o povo, eu lanço um feitiço para que sua verdadeira essência apareça!

E então, o duende lançou um raio sobre os dois, cavaleiro e escudeiro, fazendo barulho como um trovão e uma explosão de fumaça.

Quando a fumaça passou, todos ficaram chocados com o que viram: Tobias tinha se transformado em um anão, e William, num homem-lagarto.

Naquele mundo, os anões eram conhecidos por serem ambiciosos, pois estavam sempre atrás do ouro, mas covardes, pois fugiam de qualquer batalha. Não eram como os anões valentes e guerreiros das grandes lendas do passado.

Quanto aos homens-lagartos, estes eram famosos por sua força e coragem, mas eram pouco confiáveis, porque sempre contavam mentiras.

— Meu Deus! E agora, William? O que vamos fazer? — Disse Tobias, agora um anão desesperado.

— Eu não sei... — Pela primeira vez, William não sabia o que fazer. Seu corpo de lagarto era mais alto e forte, mas ainda obedecia ao mestre, que não passava de alguns palmos de altura.

— Só tem uma solução. — Era a voz do rei, que tinha visto tudo o que aconteceu.

— E qual seria, majestade? — Perguntou o cavaleiro... Isto é, o anão.

— Vocês devem ir até o Mago da Cabana. Ele vai ajudar.

Homem-Lagarto e Anão

O caminho até o Mago da Cabana era longo e não havia outro jeito: os dois teriam que percorrer a estrada do reino como homem-lagarto e anão.

Não era tão ruim, a não ser pela reação das pessoas: todos olhavam desconfiados para eles. Ninguém gostava dos anões (os covardes) ou dos homens-lagartos (os mentirosos).

— Estou com sede, William. Acho que os anões sentem muita sede. O cantil acabou.

— Não tem nenhum riacho por perto, senhor. Vou ver se aquelas pessoas nos ajudam.

William se aproximou de uns camponeses que passavam por ali para pedir ajuda:

— Por favor, senhor, senhora: poderiam nos dar um pouco de água?

— Ora, por que eu daria água a um sujeito do seu tipo? — Disse o homem.

— Estou numa viagem com meu mestre. Vamos até o Mago da Cabana e nossa água acabou. Por favor, temos sede! Se puder dar só um pouco da sua água, terá nossa gratidão.

— Pois eu não acredito. Devem ter roubado alguém e ficaram sem água na fuga. — Disse o camponês e foi embora com a esposa.

William se sentiu mal com aquilo. Não era fácil ser um homem-lagarto ou um anão naquele mundo. Com certeza nem todos eram ladrões ou mentirosos! Mas as pessoas os viam assim.

Depois de uma longa caminhada, acharam um riacho e mataram a sede.

— Esta é a melhor água que já bebi na vida, William!

— Senhor, isto é porque água nunca lhe faltou. Pela primeira vez na vida, está com sede.

— Sim, acho que tem razão.

Pouco depois do riacho, havia uma colina com pedras. E logo depois, um pequeno vale, onde ficava uma velha cabana ao lado de uma árvore.

— É aqui. A cabana do mago. — Disse Tobias.

— Você o conhece? — Perguntou William.

— Sim... O velho mago já me ajudou uma vez. Espero que ele esteja de bom humor.

O Mago da Cabana

A cabana do mago era feita de pedras e em formato circular, com uma pequena chaminé e um lindo jardim ao redor. Um cavalo marrom pastava ali perto.

O velho mago abriu a porta e veio receber os visitantes. Ele tinha uma barba cinza, um casaco marrom e um chapéu azul com estrelas.

— Sinto cheiro de magia de duende!— Disse o mago.

— Pois foi um duende que fez isso conosco, senhor mago... Perdão, qual o seu nome mesmo? — Perguntou William.

— Belchior Olívio Bernardo. Mas pode me chamar de Bob.

— É uma honra conhecê-lo, Bob. Sou um simples camponês e fui transformado neste homem-lagarto. — Disse William.

— Sim, posso ver isso. — Disse o mago. — E este anão aqui, acho que é um velho conhecido.

— Sou eu, senhor Bob... Tobias, o cavaleiro! Lembra de mim? Você me ajudou uma vez, quando fui transformado num sapo.

— Ah, sim, eu me lembro bem. Você pelo visto tem muito azar com feitiços. Para sua sorte, estou de bom humor hoje.

Tobias suspirou aliviado.

— Pode nos ajudar? — Perguntou William.

— Sim e não. — Disse o mago.

— Mais para sim ou mais para não? —
William quis saber.

— Bom, eu não posso desfazer o feitiço.
Nenhuma poção no mundo vai resolver. Mas sei
como ajudar: esse é um feitiço de cristal.

— Um feitiço de cristal? — Perguntou Tobias,
sem entender.

— Isso mesmo. O duende que fez isso com
você usou o poder de um cristal para lançar a
magia. O único jeito de voltarem ao normal é
destruindo o cristal.

— E onde fica esse cristal?! — Os dois
perguntaram em coro.

— Só pode ser o Cristal de Elinor, um artefato mágico muito poderoso que fica na terra de gelo do norte, perto do covil do duende.

— Então, para as terras de gelo nós vamos, caro William! — Anunciou Tobias.

— Sim, senhor. Vamos quebrar o feitiço! — Disse o escudeiro.

— A viagem é longa. Podem levar meu cavalo, Jardas. Assim vocês dois terão montaria. — Ofereceu Bob.

— Já estava na hora... — Comentou William, que não agüentava mais caminhar.

E assim, o anão montou no cavalo branco, Léguas, e o homem-lagarto montou no marrom, Jardas. E os dois companheiros agradeceram ao mago e seguiram a estrada para o norte.

A Terra do Gelo

O caminho do norte era coberto de neve e cercado por pinheiros e montanhas. Era uma terra abandonada, onde poucas criaturas viviam isoladas do mundo.

Tobias e William seguiam viagem, com pesados casacos para se protegerem do frio.

— Acho que não vamos ter nenhum problema aqui. — Disse Tobias.

— Acho que não, mestre. Nenhum perigo à vista.

Mas eles estavam errados. Pouco depois, escutaram o som dos passos de uma pesada criatura, que fazia tremer a terra ao andar.

— Você sentiu isso, mestre?

— Será um terremoto?

— Não há terremotos aqui. É o som de uma fera caminhando. Deve estar perto!

E então, de uma curva da montanha eles viram a criatura: era um enorme trasgo das neves, um ser monstruoso que vivia ali sozinho. Ele se aproximava lentamente.

— O que sabe dos trasgos, William? — Perguntou Tobias, já pálido e trêmulo.

— Bom, já ouvi muitas lendas sobre eles, senhor. Dizem que odeiam os cavaleiros.

— É claro que odeiam... Veja o tamanho desta fera! É o nosso fim!

— Devo concordar com você, mestre.

Mas então, Tobias se lembrou de uma coisa:

— Espere... Mas é claro! No momento não parecemos muito com qualquer tipo de cavaleiro. Graças àquele duende, sou agora um anão e você um homem-lagarto... Quem sabe podemos conversar com esse trasgo?

— Ele não parece gostar de conversa, senhor.

— Mesmo assim, vou tentar.

— Foi bom conhecê-lo, mestre. Darei notícias da sua morte à família.

Mas William estava enganado. Ele ficou surpreso ao ver que Tobias era muito bom conversando com um trasgo:

— Senhor trasgo, lorde da montanha e do gelo! Qual seria o seu nome?

— Guuuuuur... Meu nome é Gur! O que fazem na minha montanha? — Respondeu o trasgo, com raiva.

— É uma honra conhecê-lo, senhor Gur. Não queremos incomodar. Como vê, sou um pobre anão e este lagarto é meu amigo. Estamos procurando o Cristal de Elinor. — Explicou Tobias.

Gur falava devagar e com uma voz grave e rouca:

— Cristal? O que querem com o cristal?

— Bom, isso depende. Você gosta do cristal?

— Gur odeia o cristal... O duende fez magia, deixou Gur preso na montanha. Não posso sair.

— Ora, mas isso aconteceu conosco também. O duende fez algo terrível comigo e com meu amigo aqui. O cristal é a fonte da magia dele.

— Gur não entende.

— Caro Gur, se o cristal for destruído, todos nós ficaremos livres da magia.

— Livre? Gur quer ser livre!

— Pois deixe conosco, Gur... Mostre o caminho até o cristal e nós resolvemos isso.

— Gur mostra o caminho. Anão e lagarto são bons. Diferentes dos homens do reino. Gur odeia os homens do reino.

— Nós também... As pessoas do reino são péssimas... Eu mesmo não as suporto. Como anão, venho das minas dos anões do sul.

— E eu, senhor Gur, venho da ilha dos homens-lagartos.

E assim, Gur mostrou a eles o caminho: o cristal ficava do outro lado da montanha, num pedestal sobre um lago congelado.

O Cristal de Elinor

O Cristal de Elinor tinha energia luminosa e costumava ser usado para magias boas. Mas aquele duende, que vivia num covil na parte escura do gelo, tinha achado uma forma de usá-lo para todo tipo de magia. Era o que se contava no reino.

— E agora? Como vamos chegar até o cristal?

— Perguntou Tobias.

— Pois tenho pensado nisso, mestre. Esse gelo pode quebrar com nosso peso. — Ponderou William.

Os dois ficaram ali, parados perto do lago, pensando em uma forma de atravessá-lo em segurança.

— Bom, como seu escudeiro devo assumir a tarefa, senhor.

— Tem certeza? Não é perigoso, William?

— Vai dar tudo certo... — William respondeu, sem muita certeza nas palavras.

Então o escudeiro, que agora tinha o corpo de um homem-lagarto (não muito leve, por sinal), começou a caminhar sobre o gelo fino.

Tobias estava aliviado por não ter que fazer aquela travessia, pois morria de medo de cair na água congelante. Mas ao ver seu amigo se arriscar daquela forma, sentiu uma ponta de tristeza.

No fundo, era ele quem devia assumir a tarefa, pois pesava menos em seu corpo de anão. Você pode pensar que o medo paralisou Tobias mais uma vez, mas não foi isso o que aconteceu.

Quando William começou a andar, o gelo se trincou sob seus pés, revelando uma pequena rachadura. Ao perceber isso, Tobias não pensou duas vezes, apenas agiu:

— Cuidado, William! O gelo é fino e vai se romper. Volte aqui, por favor, meu amigo. Tenho o corpo mais leve no momento, deixe-me ir.

— Tem certeza, mestre?

— Nunca estive tão certo.

Naquele momento, William presenciou um verdadeiro ato de coragem: Tobias caminhou sozinho pelo lago congelado em direção ao cristal. O escudeiro sentiu orgulho do seu mestre, que revelava pela primeira vez a coragem de um cavaleiro. E tudo isso para protegê-lo.

— Obrigado, senhor. É muito nobre da sua parte.

— Ora, William. Deixe de besteira. Quantas vezes você se arriscou por mim?

E ali, naquele instante, quando Tobias dava passos lentos sobre o gelo e dizia tais palavras, William soube da gratidão que seu mestre sentia por ele. Era muito bom ouvir aquilo.

Quando chegou ao centro do lago, Tobias pegou o cristal e fez a travessia de volta. Na metade do caminho, a rachadura no lago foi ficando cada vez maior e ouvia-se o som dos estalos no gelo. Ele correu por sua vida e chegou à margem bem na hora em que o gelo se partiu!

— Muito bem, mestre! O senhor conseguiu! Bravo, bravo!

Tobias respirava ofegante. Quando se acalmou, ele apenas disse:

— Então essa é a sensação... da coragem...

— Acho que sim... Como se sente?

— Com muito medo... Ser corajoso dá muito medo, caro William.

Tobias finalmente entendeu o significado da coragem: no fim das contas, ser corajoso era se importar tanto com alguém a ponto de enfrentar seus maiores medos. Seu coração batia acelerado.

— Bom, agora é só quebrar o cristal, como disse o mago. — Lembrou William.

Mas eles não conseguiam quebrá-lo. Tentaram com a espada e até com um machado, mas nada aconteceu. O cristal era duro feito rocha bruta.

— E agora, William, o que fazemos?

— Pois precisamos da força de dez homens para destruí-lo... — Foi a estimativa do escudeiro.

— Dez homens ou, quem sabe, um trasgo das neves...

Os dois se entreolharam. Só havia uma maneira de quebrar um cristal tão resistente: eles precisavam da ajuda de Gur.

O Fim do Feitiço

Os dois heróis dessa história (a essa altura já podemos chamá-los de heróis?) voltaram com o cristal até o local onde estava Gur, o trasgo das neves.

Eles voltaram sem nenhum medo, com a certeza de que Gur os ajudaria e que nada poderia dar errado:

— Acha que Gur vai ajudar, mestre?

— Sim, pois ele já é nosso amigo. Não viu como confiou em nós com essa coisa do cristal? — Respondeu Tobias.

— É verdade... E ele mesmo queria se ver livre do feitiço. — Lembrou William.

— Sim, sim. Vai dar tudo certo, William. O pior já passou.

E assim, com bons pensamentos e toda esperança no coração, eles foram até Gur.

— Meu caro Gur, nós voltamos! E veja, aqui está o cristal. — Disse Tobias, colocando o Cristal de Elinor em cima de uma pedra, bem na frente do trasgo.

— Esse é o cristal? — Perguntou Gur, coçando a cabeça.

— Sim, como prometemos. Só que não conseguimos quebrar. Você pode nos dar uma mãozinha? — Disse o cavaleiro, que ainda era um anão.

— Se Gur quebra o cristal, fica livre?

— Isso mesmo, Gur. Se você quebrar, todos nós ficamos livres. Aquele duende não perde por esperar.

Então Gur deu dois passos à frente e disse:

— Gur quer ser livre!

Ele ergueu os dois braços acima da cabeça, dois braços enormes que pareciam uma mistura de pedra e gelo, fechou os punhos e bateu com toda força no cristal.

Quando ele bateu, ouviu-se um estrondo: a terra tremeu e o Cristal de Elinor se despedaçou, fazendo suas partículas se espalharem ao redor.

Tobias e William protegeram o rosto com os braços. Quando a poeira baixou, eles abriram os olhos e viram que o cristal tinha sido destruído.

— Você conseguiu, Gur! Está feito! — Disse William, impressionado com a força do trasgo.

— Estamos livres! — Comemorou Tobias.

Mas Gur estava com o olhar sério. Ele ficou meio perdido, confuso como se estivesse tentando entender alguma coisa. Depois, parecia na verdade meio bravo.

— Senhor... — William começou a dizer algo, enquanto Tobias ainda comemorava.

— O que foi William?

— Acho que esquecemos uma coisa. — Disse o escudeiro, sério.

— E o que seria, William?

— Nós estamos livres... — Disse ele, agora com medo dessas palavras ao invés da alegria da vitória.

— Sim, sim! E por que não está comemorando meu amigo? Voltamos à nossa forma humana!

— É por isso mesmo, senhor... Voltamos à forma humana... E o nosso amigo Gur aqui não gosta dos humanos...

Tobias parou de sorrir na mesma hora. Ele sentiu um calafrio e engoliu seco. Os dois se voltaram para Gur e notaram que o trasgo estava com uma cara de poucos amigos, mostrando os dentes afiados.

Gur esbravejou:

— Vocês enganaram Gur! São humanos, não são meus amigos! Gur não gosta de humanos!

E então, Gur soltou um rugido tão alto, mas tão alto que todos os pássaros da montanha saíram voando em debandada.

— Corra por sua vida, William! — Alertou Tobias.

Os dois heróis saíram correndo, como nunca antes haviam corrido em suas vidas, e o trasgo os perseguiu enfurecido, fazendo o chão tremer a cada passo.

Eles desceram um caminho de neve montanha abaixo e Gur foi logo atrás, tentando acertá-los com suas garras.

A perseguição foi épica, como nas grandes histórias de heróis e heroínas que quase perdem a vida fugindo de feras fantásticas.

Quando estavam quase chegando ao pé da montanha, eles tropeçaram num tronco de árvore que estava oculto sob a neve.

Tobias e William caíram, rolando sobre o gelo, deslizando por uma longa distância até pararem, estirados no chão.

Gur, que estava acostumado com a montanha, pulou o tronco e finalmente alcançou a dupla. Gur tinha muita raiva dos humanos (ele tinha bons motivos para isso) e estava prestes a deferir um golpe final naqueles dois.

Mas naquele dia, a sorte sorriu para os nossos heróis. A montanha tinha ficado para trás e ali, naquela altura, já não era mais tão frio assim. Gur, que estava com dentes e garras quase sobre os dois homens, começou a se sentir mal.

A fera cambaleou, cambaleou, até que teve um desmaio e caiu para frente. Tobias e William rolaram para sair debaixo do trasgo, um para cada lado, e não foram esmagados por muito pouco.

A queda fez a terra tremer mais uma vez, com um barulho que parecia o estrondo de um trovão.

Eles se levantaram com calma, respirando ofegantes, nem acreditavam que ainda estavam vivos.

— O que houve com ele? — Perguntou Tobias.

— Eu não sei... — Disse William. — Acho que desmaiou.

Seus corações ainda batiam disparados. Pela primeira vez após o fim do feitiço, conseguiram se acalmar e perceber como era bom ter uma forma humana novamente.

— E agora, o que fazemos? — Ponderou o cavaleiro. — Não podemos deixá-lo aqui.

Naquele instante, uma voz conhecida interrompeu a conversa:

— Agora vocês vêm comigo.

Eles olharam para trás. O duende feiticeiro estava bem ali, como se tivesse aparecido do nada.

O Covil do Duende

O duende não estava de capuz, como da primeira vez, e sua voz não era mais tão rouca e assustadora. Ele falava agora com uma voz até simpática — com um tom meio ácido, é verdade — mas simpática.

— Oh não! Veja se não é aquele duende, William... Não diga que ele vai nos lançar outro feitiço?! — Disse Tobias, preocupado.

— Não vou lançar feitiço algum. Vejo que os senhores deram fim ao meu cristal... — Disse o duende.

— Ora, o que aconteceu com a sua voz? — Perguntou William à criatura.

— Esta é minha voz normal. Quando me conheceram no reino, eu estava gripado.

O duende não parecia mais tão assustador. Ele ainda tinha sua pele verde e escamosa, com verrugas e um nariz longo e curvo, uma expressão meio carrancuda, mas algo em sua atitude parecia um pouco mais amigável.

— Perdão, qual é o seu nome, senhor duende?
— Perguntou Tobias.

— Podem me chamar de Humpel. Ora, ora, é a primeira vez que um humano tem a decência de perguntar meu nome.

— Bom, senhor Humpel... Sentimos muito pelo seu cristal... Mas veja bem, foi o senhor quem lançou um feitiço sobre nós, de modo que isso foi necessário para voltarmos ao normal. — Explicou Tobias, com muito tato nas palavras.

— Eu sei. Isso era algo esperado. — Disse Humpel.

— Como assim, esperado? — Indagou William.

— Calma, rapazes. Eu vou explicar tudo a vocês. Na verdade, quero ter uma conversinha com os dois. Mas antes, deixem-me ajudar essa pobre criatura.

Então, Humpel se aproximou de Gur, que ainda estava desacordado, e colocou na boca do trasgo uma colher de um líquido azul que tinha num pequeno frasco.

Bastou alguns segundos após sentir o gosto da poção para Gur se levantar. A fera abriu os olhos e, meio desajeitada, se ergueu sobre os dois pés (dois pés enormes por sinal).

— O que aconteceu? — Perguntou Gur, meio desorientado.

— Você desmaiou de novo, Gur. — Disse Humpel. — Ora, ora, quantas vezes eu falei que você precisa ficar na montanha, meu amigo? Você é um trasgo das neves, precisa do ar gelado da montanha. O clima aqui em baixo não é bom para sua saúde.

Tobias e William entenderam tudo. Humpel havia lançado um feitiço em Gur, não para aprisioná-lo na montanha, mas para cuidar dele. O trasgo era como um bebezão que queria sair do berço, mas não podia.

— Me desculpa, senhor Humpel... Gur não fez por mal... Gur só queria pegar esses dois humanos... — Disse o trasgo, chorando e soluçando.

— Ora, quanto a isso, eu já expliquei que nem todos os humanos são maus. — Retrucou o duende.

— Mas os humanos odeiam Gur e odeiam o senhor Humpel.

— Sim, Gur. É verdade. Muitas pessoas estão cegas pelo ódio. Quando olham para nós, um monstro é tudo o que vêem. Quem sabe um dia os humanos aprendam a conhecer antes de julgar. Mas pode ficar tranquilo com esses dois: eles têm um bom coração.

Gur se desculpou com todos. Quando se sentiu melhor, ele se despediu e subiu a montanha de volta para sua casa (que ficava numa caverna de gelo bem escondida).

Depois disso, Humpel levou William e Tobias até o seu covil: ele morava num castelo no meio daquela terra de gelo, que era muito sombrio por fora, com muros de pedra escura e gárgulas no alto das torres, mas quente e iluminado por dentro.

— O seu castelo é como você, senhor Humpel: quem vê de longe se arrepia todo, mas de perto é bem mais acolhedor. — Disse William.

— Vou encarar como um elogio, meu jovem. — Disse Humpel, notando que agora os dois homens não o temiam mais.

— É uma bela casa, de fato muito agradável. — Comentou Tobias, reparando nos vasos de planta e nas flores ao redor do sofá no grande salão.

Humpel serviu um chá aos seus visitantes e contou a eles o verdadeiro motivo das suas ações:

— Bom, rapazes, como notaram meus feitiços não querem fazer mal a ninguém. O pequeno Gur eu aprisiono na montanha porque, sinceramente, fora de lá ele não viveria por muito tempo.

— Pequeno?! — Perguntou William, incrédulo.

— Sim, para mim aquele trasgo sempre será o pequeno Gur, pois o encontrei perdido na neve quando ainda era um bebê. Desde então, eu cuido dele como um filho. Espero que um dia eu consiga fazer uma poção, para que Gur possa viajar comigo pelo mundo.

— Isso é muito bonito, senhor. Muito belo mesmo. — Disse Tobias, chorando de emoção.

— E quanto a nós? Porque nos transformou num anão e num homem-lagarto? — Perguntou William.

— Quanto a vocês, meu feitiço só teve a melhor das intenções. Ouvi as histórias que o povo contava, de um valente cavaleiro e seu escudeiro, dos feitos heróicos dessa dupla que vinha ganhando fama e glória no reino. Mas quando eu os vi no vilarejo, senti que havia algo errado nessa história. Eu senti que vocês precisavam de uma lição.

— Uma lição, senhor Humpel? — Indagou Tobias.

— Sim, uma valiosa lição. Mas eu não vou dizer qual era. Vocês é que devem se perguntar: o que aprenderam nessa jornada?

Os dois homens não disseram nada naquele momento, apenas se entreolharam. No fundo, eles sabiam que não eram mais os mesmos depois de tudo o que haviam passado. Talvez devessem mesmo agradecer ao duende.

E assim o fizeram. Eles se despediram de Humpel com um nobre aperto de mão cada um. Agradeceram pelo chá, desejaram tudo de bom a ele e ao “pequeno” Gur, e saíram com promessas de um dia voltarem para uma visita.

Honras e Méritos

Tobias e William seguiram viagem de volta para o reino. Eles deixaram para trás as terras geladas e avançaram a cavalo pelos campos verdes, um ao lado do outro. O cavaleiro ia montado em seu fiel companheiro Léguas, enquanto o escudeiro ainda viajava com Jardas, o cavalo do mago Bob.

— Mestre, eu devo pedir desculpas. Não fui totalmente honesto com você nas nossas aventuras... — Começou William, mas foi logo interrompido por Tobias.

— Pode parar por aí, caro William. Não, você não mentiu para mim, em momento algum. Na verdade eu acho que menti pra mim mesmo. E você foi apenas polido o bastante para não desrespeitar o seu mestre. Acho que tudo isso acabou.

— Como assim, acabou? O que quer dizer?

— A verdade é que eu não sou um cavaleiro, William.

— Ora, não diga isso, senhor. Demonstrou muita coragem atravessando aquele lago congelado. Foi algo digno de um cavaleiro.

— Talvez tenha sido... Mas nós dois sabemos, William, que se não fosse por você eu não teria passado sequer da primeira floresta.

— Você vai abandonar a espada mestre?

— A espada nunca me pertenceu, William. É por isso que preciso fazer uma coisa. Vamos, por favor, meu amigo. Desça do cavalo.

Os dois desmontaram e deixaram os cavalos descansarem um pouco.

Tobias pediu que William se abaixasse sobre um dos joelhos, na posição de respeito como os nobres faziam perante suas amadas ou perante a realeza.

Então, bem ali, no campo mais belo do reino, ao som dos pássaros e do vento, Tobias tocou levemente com a espada nos ombros e sobre a cabeça de William, dizendo as seguintes palavras:

— Eu nomeio você, Lorde William de Brumas Valentes, cavaleiro do reino, ao qual dedicarei minha vida com lealdade e dedicação, como seu fiel escudeiro.

William não acreditou naquelas palavras. Seu mestre acabara de conceder a ele um título de nobreza. Agora William era, oficialmente, um cavaleiro.

— Eu não sei o que dizer, senhor...

— Ora, William. Diga apenas que aceita. Da minha parte, penso que tenho mais afinidade para a diplomacia, por isso darei um ótimo escudeiro. E tenho muito que aprender com você.

Eles regressaram ao reino e contaram tudo ao povo. Algumas pessoas aceitaram aquela novidade e aclamaram os dois como heróis. Outras os rejeitaram. Quem eram eles para mudar as coisas assim, sem consultar ninguém antes? O rei estaria de acordo com aquela nomeação?

Isso não importava. Para Lorde William e seu fiel escudeiro, Tobias, fama e glória não eram mais tão valiosas assim.